

**SOBRE CONDIÇÕES COMUNS E ALTERNATIVAS
DISTINTAS:
TRABALHADORES BUSCANDO ESPAÇOS E
CONSTRUINDO HISTÓRIAS.
UBERLÂNDIA EM FINS DO SÉCULO XX E INÍCIO DO
SÉCULO XXI¹**

Carlos Meneses de Sousa Santos²

RESUMO: Busquei, neste trabalho, reunir, a partir de lutas empreendidas por trabalhadores para conquistarem suas moradias, questões que tratam das experiências sociais enquanto uma relação classista. Ao se movimentarem a partir de uma condição compartilhada, os trabalhadores deixam perceber como viviam, o que pensavam e o que esperavam de suas vidas na cidade. Empenhei-me em discutir o modo como a desigualdade deixa marcas, mas que não anula a potência dos trabalhadores, que não retira a consciência que possuem sobre a vida que levam. Ao mesmo tempo, também evidenciei que suas ações apontam um processo aberto de confrontação de interesses e valores ao se viver a cidade. Este artigo compõe o interesse em pensar o que significa ser trabalhador na cidade de Uberlândia, no final do século XX e início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Relações classistas. Movimentação social. Trabalhadores e cidade.

¹ Este artigo é parte do primeiro capítulo da minha dissertação de Mestrado, defendida em 2009, na Universidade Federal de Uberlândia, com financiamento da Capes. O trabalho, na íntegra, tem o título *Ser tradbaldador na cidade: Relações de classe em Uberlândia – Fins do século XX e início do século XXI*.

² Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

ABSTRACT: I searched, in this work, gather, by means of struggles undertaken by workers to win their homes, the issues dealing with their social experiences while relation of classes. At themselves move in a shared condition, the workers left see how they lived, what they thought and what was expected of their lives in the city. I have endeavored to discuss how inequality leaves marks, but that does not nullify the power of workers, which does not diminish the conscience they have about the lives they lead. At the same time, I was also intended show that their actions indicate an open process of confrontation of interests and values when whether to dispute the city. This article have the interest in thinking about what it means be worker in Uberlândia, in the end of twentieth century and in the early century XXI.

KEYWORDS: Relations of classes. Social movement. Workers and city.

A gente aí se espremendo, se escrevendo para aparecer na borra dos séculos enquanto a história – faz vista grossa.
Affonso Romano de Sant'Anna

Charles nasceu em Uberlândia no dia 11 de julho de 1982. Com 26 anos, é funcionário público, trabalha no Departamento Municipal de Água e Esgoto – DMAE. Está empregado como funcionário de nível técnico, na área de informática. É casado e acabou de adquirir a casa própria. Conversei com ele sobre como está vendo essa conquista. Sugerir que relacionasse a experiência que tem agora, como proprietário de sua casa, com a dos seus pais, quando estes conseguiram comprar a casa da família, há 20 anos. Sobre essas questões, formuladas em março de 2009, colocou-se da seguinte maneira:

Eu vejo uma melhora no poder de compra das pessoas. Tanto que os meus vizinhos lá empolgaram. Vejo isso... O pessoal está mais

invocado assim, “Ah, eu posso comprar uma televisão de 32, 42, 50 polegadas.” “Eu posso comprar uma piscina.” Meu vizinho comprou uma piscina de R\$ 3 mil, ele não ganha mais do que eu. Foi lá todo contente... Beleza, ótimo. Mas a preocupação é outra, sabe? Mesmo eu morando numa casa cedida do meu pai, quando eu casei eu tinha televisão, eu tinha cozinha completa, fogão, geladeira e armários. Eu tinha cama e colchão de mola. Eu trabalhava. Mas quando meu pai comprou a casa dele ele também trabalhava, ele ganhava mais do que eu em relação de salários mínimos. Mas aí tinha inflação, tinha um monte de outras coisas. Meu pai morou a vida inteira de aluguel. Então, aquela casa, aquela situação, daquele jeito que a gente morou, foi assim, como eu comparo a minha realização de sonho de ter a casa própria, nem chega aos pés do que foi para o meu pai e para a minha mãe, entendeu? Eu vendo aquela dificuldade... Por mais que tinha tudo que a gente passava, eu sempre via eles dizendo, “Graças a Deus que a gente tem a nossa casa”. Então, valoriza demais aquilo. Por mais que uma criança não tenha muita noção do que significava aquilo, para o meu pai e para a minha mãe era muita coisa. Já hoje eu vejo o seguinte, eu tenho esses confortos, que foram ditos, desde que eu me casei. Eu consegui me casar e comprar, antes do casamento, esses móveis e tudo, sabe? Mas, eu não tinha um carro, como muita gente se empenha nisso. O outro vizinho agora que ele foi para a casa dele, ele comprou um carrão. Está todo contente com o carro dele. Beleza, eu quero comprar um fusquinha, minha urgência agora é comprar um fusquinha pra mim deslocar. Não estou reclamando, falando que o certo é fazer isso, só que eu acho que a minha prioridade é essa. É aquilo, ele está suprindo uma necessidade de consumo dele, como eu supro a minha de algumas outras formas. Eu compro livros, eu compro quadrinhos, eu compro filmes, cds de música... São supérfluos? Você vive sem? Vive. Mas depende, você acha, você compra. Mas é uma coisa que o meu pai toda a vida dele ele não teve acesso. Então, a situação que eu vejo hoje, que a gente brincava, é que a Caixa financia até pensamento. Qualquer um, você chega lá e financia uma casa. Você vai pagar 20, 30, 40 anos, mas financia. Então, eu não adquiri

a casa própria antes não foi por falta de oportunidade. Eu já fui na Caixa várias vezes fazer os cálculos de quanto seria o limite para eu poder pegar. Ainda mais que eu sou servidor público, tenho uma estabilidade. Não que tenha planos voltados para isso... O fato é que a minha estabilidade é uma garantia de pagamento, então a liberação é mais fácil, com um crédito maior... Meu pai, na época dele, ele poderia ter aquilo lá, é o maior sonho, o máximo que ele poderia alcançar. Eu ali no Aparecida [bairro onde morava de aluguel antes de comprar a casa no Jardim das Palmeiras II] eu tinha um leque muito grande de coisas que eu poderia fazer. Eu poderia comprar um apartamento ali mais próximo. Pagar uma prestação maior, num tempo maior também, mas ainda ter a praticidade de morar no Centro. Perto do Centro. Ia ficar mais caro, mas eu acho que ia acabar equilibrando mais ou menos as despesas extras que eu estou tendo hoje... Eu ainda não estou contando com as percas que são o desgaste que nós estamos tendo... E questão de salário mesmo, que a Fernanda [esposa] perdeu e eu perco também porque é descontado do meu salário os meus atrasos devido ao problema com o ônibus. E além do quê tem os passes e toda a questão do ônibus. Então, eu tinha muitas possibilidades, por isso, às vezes, eu fico olhando aí a questão de falá assim, “Ah, você não dá valor”. Eu dô valor, tanto que eu estou lá. Porque as condições de pagamento, se você fosse analisar em questão de investimento, se fosse só dinheiro, se não tivesse toda essa relação de você ir para lá e tudo mais, era extremamente viável. A prestação é baixa, o tempo em relação ao financiamento da Caixa é menor, o valor total que eu vou pagar é muito bom, a taxa de reajuste é mínima. Todos esses balanços foram feitos. Mas o fato de morar lá deixa impraticável várias coisas, dificulta muitas coisas... E eu me preocupo porque quando eu mudei para lá eu falei para a Fernanda, “Olha, a Caixa abre para quitar em cinco anos, vamos ver se a gente estabiliza em cinco anos e se muda daqui”. Ela disse, “Que horrível, credo, você nem passou para a casa já está pensando em vender e sai daí?” Eu pensei. É complicado, porque se isso aqui não crescer, se não trouxer estrutura para cá, vai ser complicado continuar morando aqui, como já é. Pessoal fala, “Não, daqui cinco anos

isso aqui está tampado de coisas, isso aqui vai ser outra coisa”. E se não for? Quanto tempo o Morumbi não está do jeito que está? O Mansour? Quanto tempo que o Mansour é ruim? Continua ruim, transporte lá é horrível, tudo é longe, a criminalidade lá é o bicho. Ali no Palmeiras a gente tem medo, porque é do lado do Canaã, a criminalidade no Canaã também é reconhecida na cidade inteira, está na lista dos bairros mais terríveis de Uberlândia.³

Charles mora em uma casa construída por uma das ações do Programa Habitacional da Prefeitura de Uberlândia. Sua casa está integrada ao bairro Jardim Holanda, no setor oeste da cidade, é o Conjunto Residencial Jardim das Palmeiras II.⁴ A fala do entrevistado formula um momento de mudanças em sua vida, ao mesmo tempo em que expressa sua condição de classe. Ao procurar discutir a moradia e as condições de vida dos trabalhadores, instiguei-o a evidenciar momentos distintos de sua experiência, colocando em movimento temporalidades que estão elaboradas em sua trajetória ao viver a cidade. A partir de sua experiência social apresenta sentidos ao tempo histórico.

³ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em seis de março de 2009.

⁴ As habitações desse conjunto compõem as ações do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), o qual tem o envolvimento da Prefeitura Municipal, da Caixa Econômica Federal, do Ministério das Cidades e do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (Sinduscon). As casas desse conjunto começaram a ser entregues no segundo semestre de 2007, sendo que são destinadas às “famílias de baixa renda”, que, segundo o Prefeito Odelmo Leão, são “casas populares para atendimento de nossa classe trabalhadora”. As casas possuem 53 m², divididos em três quartos, sala, cozinha, banheiro e um tanque, este último localizado fora do espaço construído, o qual está caracterizado como área de serviço. As casas do PAR são pensadas para atender famílias com renda até R\$ 1.800,00. Segundo o presidente do Sinduscon, “essas unidades habitacionais contam com um padrão de construção feito para durar”. Talvez essa mensagem seja importante para tentar tranquilizar as mais de 500 famílias que foram morar no Conjunto Residencial Palmeiras II, as quais talvez tenham receio do que comumente é feito especialmente para os trabalhadores mais empobrecidos.

Ao avaliar o momento em que tem acesso a casa própria, conseguida no final de 2008, recoloca e diferencia a situação que passou com seus pais no final da década de 1980. A casa dos pais fica no bairro Jardim Patrícia, também no setor oeste da cidade. Ao narrar como e em que condições seus pais conseguiram a casa da família, Charles contou: “Meu pai comprou um terreno e foi construindo. Inclusive, a gente mudô a casa, estava bem no início mesmo da construção. Foi o prazo dele colocar a laje a gente passou para dentro da casa. Não tinha porta, não tinha luz, não tinha água, não tinha telhado na casa... Só tinha laje”.⁵

Mesmo reconhecendo as condições narradas, acredita que os pais valoraram mais que ele a condição de terem conseguido a casa, afinal pensa que aquelas eram as suas únicas e maiores possibilidades. Conforme seu entendimento, “meu pai, na época dele, ele poderia ter aquilo lá, é o maior sonho, o máximo que ele poderia alcançar [...] para o meu pai e para a minha mãe era muita coisa”. Acredito que a compreensão sustentada por Charles apresenta uma noção de época que busca sugerir expectativas e conquistas comuns entre os trabalhadores contemporâneos ao seu pai. Como se a conquista do pai fosse a realização máxima ambicionada por sujeitos que tinham as mesmas expectativas, uma espécie de padrão comum de interesses e conquistas da classe trabalhadora na cidade. Penso que o tempo recolocado por Charles, para falar da vida dos pais, tenha sido mais dividido nas possibilidades construídas pelos diversos trabalhadores ao viverem a cidade.

Quanto à casa de Charles, ao falar do seu tempo e do modo como vive, revelou que tem água encanada, luz, telhado e também tem porta. No entanto, fez questão de mencionar que enfrenta dificuldades e que tem receios quanto às previsões mais otimistas para as melhorias futuras do bairro e da vida de seus moradores. Chega a relacionar o lugar onde mora com outros lugares da cidade que julga não ter dado certo, tendo em vista as dificuldades

⁵ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 6 de mar. 2009.

com transporte coletivo e o receio quanto à criminalidade, assim como a compreensão comum de certa caracterização pejorativa atribuída aos lugares da cidade que acabaram sendo um percurso possível para muitos trabalhadores.

Mas que tempo é esse o de Charles? Como entender que, a partir dessas circunstâncias, avalie que o seu pai tenha tido conquistas maiores, mais motivos para comemorar, mesmo vivendo em piores condições? Que sentidos sobre o tempo histórico estão sendo formulados pelos trabalhadores no passar do século XX para o XXI? Penso que seja o caso de tratar das relações vividas nessas temporalidades enquanto um processo histórico, problematizando sentidos da experiência social expressos em noções como geração e época. Acredito, no entanto, que isso implicará em confrontar as experiências desses sujeitos, indicando um campo de relações mais dividido, o qual permitirá discutir, a partir de uma condição comum de classe, as possibilidades diversas e desiguais apontadas pelos trabalhadores ao viverem um mesmo campo de pressões e limites, estes estabelecidos na própria dinâmica das relações classistas.⁶

⁶ Thompson, chamando a atenção para a historicidade da noção de “classe”, foi muito importante para a elaboração das questões que formulo neste trabalho. O autor, no conjunto de sua produção historiográfica, colocou-se em uma discussão no interior da tradição marxista, na qual construiu enfrentamentos com uma determinada compreensão estruturante e teoricista dessa noção. Chamou a atenção de que não há “classe” fora da formulação histórica das lutas de classes e das relações classistas. Sobre essa discussão ver, em especial:

- THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 269-281.
- THOMPSON, E. P. La sociedad inglesa del siglo XVIII: lucha de clases sin clases? In: *Tradicón, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editora Crítica/Grupo Editorial Grijalbo, 1979, p. 13-61.
- THOMPSON, E. P. Prefácio. In: *A formação da classe operária inglesa*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987, p. 9-14.
- THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 25-85.

Ao analisar a fala de Charles, observo que ele acredita ter havido uma melhora no poder de compra dos trabalhadores. Além disso, a análise aponta outros meandros da vida diária que pressionam necessidades ou mesmo facilitam novas realizações e expectativas. Naquele momento, no final da década de 1980, mesmo o seu pai ganhando relativamente mais, em termos do valor de salário mínimo recebido, comprava menos. Condição de consumo e de garantia das necessidades dos trabalhadores que Charles julga ter melhorado, devido ao aumento do crédito para a compra de mercadorias nos comércios, assim como de imóveis financiados pelo Poder Público em Sistemas Habitacionais, o que teria se tornado possível graças ao controle da inflação.

Quando destaca que antes mesmo de se casar já possuía grande parte dos móveis da casa, essa é uma distinção que faz questão de marcar frente à condição vivida por sua família quando ainda era criança. Uma determinada distinção que busca ajustar contas com as marcas de ausências estampadas na visibilidade ostentada na própria moradia, que “não tinha porta, não tinha luz, não tinha água, não tinha telhado... Só tinha laje”. Mas se foi possível a Charles, no momento em que se casou, ter acesso a televisão, cozinha completa, fogão, geladeira, armários e colchão de mola, ao mesmo tempo teve que lidar com a condição de ter que contar com a casa cedida pelo pai, uma situação que teve que enfrentar a partir da condição de ser trabalhador.

Nesse sentido, ao mencionar que focou na aquisição dos móveis da casa, valorou que para além da própria casa, sentia a necessidade de um carro, o que, frente às suas dificuldades com o transporte público, era percebido como a “minha urgência”. Uma urgência que se constituía como tal na movimentação das expectativas ao se viver a cidade como trabalhador.

Diante o que percebe como uma época de maior acesso ao consumo, de empolgação mesmo entre os trabalhadores, sugeriu distinções nas práticas de compras das mercadorias.

· THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Reconhecendo o que apresenta como necessidade de consumo, que no caso dos trabalhadores talvez seja a expressão da sua própria condição de classe, Charles insinua que há necessidades diferentes, uma vez que elas não se restringiriam ao apelo mercadológico, mas sim dialogariam com um campo de urgências e expectativas experimentadas nas pressões de trabalho, moradia, lazer e sobrevivência.

Mesmo percebendo com estranheza os desejos de seus vizinhos por televisões gigantes, piscinas e carrões, diz que necessita de um fusquinha, pois precisa se locomover na cidade. Precisão e necessidade construídas na insatisfação com o transporte público destinado aos trabalhadores, o qual lhe custaria atrasos no serviço, desgastes e descontentamento com sua condição. Ainda no campo da confrontação de valores, expectativas e limites, revela o apreço pelos livros, gibis, cds e filmes, mesmo supondo que são supérfluos, pois, dentro de certas circunstâncias, “depende, você acha, você compra”. Parece evidenciar que, diante das ofertas do que considera uma época de consumo, os trabalhadores precisam priorizar certas expectativas, apontando para limitações na capacidade de se realizarem na sociedade de mercado.

Contudo, Charles foi enfático ao afirmar que não faltaram oportunidades para que pudesse comprar a casa antes mesmo de ter sido beneficiado pelo Programa Habitacional da Prefeitura. Uma colocação que permite abrir algumas contradições no universo de relações dos trabalhadores, pois ao evidenciar que o “ter casa” há muito era uma expectativa possível, lidou com a insegurança em adentrar em um financiamento longo e caro, ou ainda em um mais acessível, mas que muitas vezes indicava residir em lugares com infraestrutura que não atendia suas necessidades, dificultando a aceitação dessa “possibilidade” tão próxima de “ter casa”.

A estabilidade no emprego, devido a sua condição de funcionário público, soa como uma oportunidade diferenciada frente aos demais trabalhadores que não contariam com essa condição, e que, portanto, poderiam encontrar maiores

dificuldades ao tentarem assumir empréstimos para possuírem a casa própria. Uma diferença que marca a desigualdade entre os próprios trabalhadores, uma adjetivação que vem se estabelecendo como mais uma distinção no fazer-se da classe trabalhadora. Mas, ao analisar a aquisição que fez, Charles diz que morando onde comprou a sua casa muitas outras expectativas ficaram comprometidas, que sua vida se tornou mais difícil.

O entrevistado, ao afirmar que “eu tinha muitas possibilidades”, sugere uma distinção de sua condição no conjunto dos trabalhadores, parece avaliar o que significa ser trabalhador com estabilidade em um tempo que permitiria maior acesso ao consumo. Os pais, no entanto, além da condição de trabalhadores sem estabilidade no emprego, não teriam vivido uma época de acesso ao consumo. Como mencionou, “o meu pai, toda a vida dele, ele não teve acesso”. A narrativa de Charles parece construir uma predominância do tempo sobre a vida dos homens, como se fossem reféns da época em que viveram.

Ao que me pareceu, ao contrário de Charles, o pai não considerou a possibilidade de morar em um Conjunto Habitacional. Julgou que qualquer situação era melhor do que morar numa casa de Conjunto, algo que o filho, visivelmente constrangido, deixou transparecer ao longo de nossa conversa. Foi com essa expectativa que propôs para si e para a família o desafio de tentar construir a sua própria casa. Tentar fazer escolhas, mesmo diante as pressões que se colocam ao viver enquanto trabalhador. Uma condição de classe percebida no empenho em deslegitimar uma lógica de ocupação da cidade vivida por muitos trabalhadores.

Desconfio que essa fosse uma das formas de enfrentar as condições de sua escolha na sociedade em que vivia. Conforme o próprio Charles mencionou em sua fala, as necessidades podem não ser mensuradas apenas por uma equação monetária, por mais contraditório que isso possa parecer. A partir dessa questão, pretendo colocar em discussão, no decorrer deste trabalho, noções de época que emergem ao se problematizar o modo como vivem os trabalhadores. Debaterei com uma noção que extrapola a fala de Charles e que é recorrentemente proposta,

por diversas perspectivas também no interior da academia, para dizer das possibilidades e impossibilidades históricas vividas pelos trabalhadores. Como se os quadros de épocas, que são estruturados e sintetizados, determinassem as condições sociais que foram e são vividas.

Acredito ser importante problematizar os valores que os homens constroem e disputam para suas vidas, tanto quanto as condições em que fazem seus enfrentamentos, evidenciando a construção de um processo histórico erigido nas relações e não na revelação de épocas. Talvez isso ajude a dividir a noção monolítica de época e o sentido de tempo histórico que aponta para uma história que paira sobre a vida dos homens, que determina as relações sociais.

Desse modo, procurando ampliar a discussão, conversei com Sebastião, que assim como Charles, considerou a possibilidade de morar em Conjuntos Habitacionais como o encaminhamento mais viável para a conquista de seu espaço na cidade. Nascido em Belo Horizonte, veio para Uberlândia no final da década de 1970. Casado, com três filhos, Sebastião, assim como os pais de Charles, só conseguiu sua casa após estar a certo tempo na cidade. Com 62 anos, ao falar, em janeiro de 2009, sobre como conseguiu comprar sua casa em 1980, disse o seguinte:

Surgiu o Conjunto Alvorada. Tinha o Colibri e o Alvorada. Ó... ó quê que eu fiz. Por causa de cinco mil, porque eu não tinha condições, eu fui para o Alvorada. Eu tinha que dá 42 no Colibri, que é o Custódio Pereira hoje, lá embaixo, perto do Posto da Matinha. E o Alvorada, mais para lá, que era 37. Eu tinha dois mil no bolso quando eu comprei. Eu quase morri de trabalhar. Eu já estava aqui [trabalhando como auxiliar de enfermagem no Hospital das Clínicas de Uberlândia/UFU]. Fazia plantão aqui de 12 horas. Saía daqui, a minha roupa já ficava na casa da minha sogra... Eu chegava lá, eu tirava a roupa branca e vestia uma roupa de orêa, de orêa mesmo, que eu trabalhava de servente. Trabalhei muito tempo de servente. Para pagar a entrada da casa! E final de semana eu pegava serviço de garçom ainda. Quando eu não estava aqui [trabalhando no

hospital] eu pegava serviço de garçom. Até, graças a Deus, deu certo, né? E eu continuei. Dei a entrada. Murei. E mudei para lá. E lá nós ficamos um determinado tempo. Eu aumentei a casa tudo, arrumei tudo. Gastei sete anos arrumando a minha casa.⁷

Sebastião, e tantos outros trabalhadores, adquiriram suas casas na cidade por meio de Programas Habitacionais, os quais, na maior parte das vezes, traduziram-se na construção de Conjuntos Habitacionais.⁸ Insuficientes frente à demanda, essas propostas de moradia foram e continuam disputadas. Para muitos trabalhadores, conseguir uma das milhares de casas que estavam sendo erguidas no entorno da cidade não era tarefa das mais fáceis. Ao se viver a cidade, certamente o esforço de Sebastião não foi uma novidade, nem precisa ser tratado como uma eventualidade histórica.

O trabalhador, ao compreender a disposição dos Conjuntos Habitacionais que eram construídos em Uberlândia, o que era o próprio entendimento da lógica de ocupação vivida na cidade, sabia muito bem o que valorizava e o que desvalorizava os imóveis que estavam sendo colocados à venda pelo Poder Público. A distância do que se caracterizava como centro urbano era um importante requisito, além da ausência/presença de benfeitorias públicas.

Apesar do seu lamento, procurou o mais distante, no extremo Leste da cidade, o que já lhe impunha, frente aos custos demandados, uma jornada de trabalho que poderia chegar a 18 horas diárias. Precisava se dedicar a dois ou três empregos,

⁷ Entrevista de Sebastião (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 12 de janeiro de 2009.

⁸ A tentativa de organizar uma explicação sobre o que foi a política de conjuntos habitacionais na década de 1980 e como essa teria sido efetivada na cidade de Uberlândia está presente no trabalho de Reis (2003). A autora tem a preocupação em discutir como os moradores desses lugares viveram essa política, tendo em vista o modo como estabeleceram suas relações com esses lugares. Ver: REIS, Máucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia – anos 1980/1990)*. 2003. 214f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

essa era a condição para vislumbrar a compra da casa. Como mencionou, tinha que largar o imponente jaleco branco para colocar as roupas mais velhas e surradas para enfrentar a lida com o cimento e a cal das construções.

Sebastião não trabalhou todo o tempo de sua vida nesse ritmo. Talvez por isso, por acreditar que era um esforço extra e momentâneo, foi que enfrentou um desafio tão duro. Tinha que dar a entrada para a compra da casa de sua família. Um único emprego, o trabalho no qual se profissionalizou, mesmo trabalhando 12 horas ininterruptas, não lhe remunerava o suficiente para o cumprimento dessa expectativa. Mas Sebastião, avaliando hoje o seu esforço, tem uma certeza, “graças a Deus deu tudo certo, né?”. Não só comprou a casa, como conseguiu cumprir com todas as prestações e ambicionar novas conquistas – reformas, venda do imóvel, etc.

Ao julgar que a casa que lhe entregaram estava inacabada, lembrou que gastou sete anos para terminá-la. Talvez seja dessa sensação de término, construída a cada tijolo que comprou e que foi assentado, que tira a convicção de tarefa cumprida. Mas hoje, 29 anos depois, não mora mais no Conjunto Alvorada. Mora no bairro Custódio Pereira, local onde, naquele momento, não havia conseguido comprar nem mesmo uma das casas disponibilizadas pelos Programas Habitacionais da década de 1980. Hoje mora em uma parte muito valorizada deste bairro, lugar que muitos trabalhadores apontariam como uma “área nobre” da cidade. Uma compreensão comum, que Sebastião – orgulhoso e contraditoriamente desconcertado – procura contornar dizendo que a mudança foi pensada como uma comodidade funcional, a de morar mais perto do local de trabalho.

Sobre essas áreas que são apontadas como nobres ao se pensar a vida dos trabalhadores na cidade, o próprio Sebastião, ao falar da venda da casa no Conjunto Alvorada, ao que chamou, em uma síntese geral, de busca por melhora, contou que, “Depois dela prontinha, bonita, arrumada (inclusive, quando a mulher da Caixa foi avaliar a casa, ela disse, ‘Nossa, se essa casa fosse lá embaixo valia 200 mil’), eu vendi por 30”.

Mas, o que está em questão com essa conversa sobre o “lá embaixo” e o Conjunto Alvorada? O que faz com que um agente do Poder Público, como uma funcionária da Caixa Econômica Federal, responsável pela avaliação dos imóveis a serem financiados pela instituição, elabore essa compreensão partilhada por Sebastião? Essa inquietação é compreensível nas contradições e na historicidade desse processo, pois a desigualdade que pressionou Sebastião a comprar a casa no bairro Alvorada não o impediu de buscar conforto em sua moradia, não o impediu de adequar a casa aos poucos, diante do que era ao mesmo tempo necessidade e anseio da família. No entanto, no momento da venda, apesar das conquistas e melhorias, ficou a marca da desigualdade. A valorização irrisória que o esforço de seu trabalho teve na avaliação classista de mercado apontava que a casa, mesmo “prontinha”, estava no bairro Alvorada.

Dona Maria, talvez explicita mais sobre essa questão. A trabalhadora, junto com sua família, também comprou uma das casas do Conjunto Alvorada em 1980. Em conversa que tivemos em 2005, quando discutimos as dificuldades que enfrentava ao morar no Conjunto, disse que não via como sair de lá, não via como se mudar para outro lugar da cidade, uma consideração que fez ao perceber nessa prática de mudança uma das possibilidades de superar os problemas que enfrentava.

Como é que nós vai ficar? Você vai vender uma casa dessa não dá nem para comprar uma lá embaixo ... Tem uma sogra da minha fia, é na segunda rua, ela vendeu a casa dela aqui por 28 mil. Comprou uma lá embaixo por 50. Como é que vai fazer? Não tem como... Como diz a história, nós entrou aqui, só para o Bom Pastor [Cemitério Público] mesmo (risos). Porque não tem saída não. Não tem saída aqui não viu.⁹

⁹ Entrevista de Maria (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 28 mar. 2005.

A mudança de casa e do lugar da cidade onde mora, como desvio das dificuldades que se enfrenta ao viver a cidade, não é uma saída para todos os trabalhadores. A compreensão de Maria expressa relações sociais desiguais. Os diversos trabalhadores, em suas desigualdades, encontram possibilidades distintas e constroem caminhos variados.

A condição de Sebastião, na década de 1980, como funcionário público que não gozava da estabilidade no emprego, afirmada como distinção social por Charles em 2009, não lhe instigava a pensar em muitas possibilidades que não fosse a casa do Conjunto Alvorada, mesmo com as dificuldades que enfrentou ao morar neste lugar da cidade naquele momento. O repertório de questões expressas na condição de classe se fazia visível nas ruas sem calçamento, nas dificuldades com o transporte, no refluxo do esgoto para dentro de suas casas, na falta de vaga nas creches, na dificuldade com o atendimento médico, entre tantas outras questões comuns ao modo de vida dos trabalhadores.

Em 2004, quando mudou do Alvorada, o momento já era outro. Agora, efetivado no cargo público de auxiliar de enfermagem, no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, e com os filhos todos criados e independentes, como fez questão de mencionar no decorrer da entrevista, as possibilidades já pareciam mais acessíveis. Mesmo com a casa finalizada, com maior comodidade e um ritmo de trabalho menos desgastante, deu-se o direito de pensar em novas mudanças, melhorias que oferecessem mais comodidade para a família.

Dona Maria, por sua vez, foi enfática, “nós entrou aqui, só para o Bom Pastor mesmo”, referindo-se ao cemitério da cidade. A mãe de cinco filhos, casada com um motorista de caminhão, que havia saído do Estado de Pernambuco, passado por São Paulo e Goiânia, chegando a Uberlândia no final da década de 1970, veio em busca do que esperava ser uma vida melhor.

Viu muitas pessoas, que compraram a casa junto com ela, saírem do Alvorada para outros lugares da cidade, mas sabe muito bem quanto custa essa mudança. Uma casa “lá embaixo”, mesmo que no conjunto habitacional vizinho, o Conjunto Segismundo

Pereira, imporia como gasto o dobro do que poderia conquistar com a venda do imóvel no Alvorada. Ao reconhecer que essa seria uma saída possível e legítima para se viver melhor em Uberlândia, argumentou, no entanto, que não consegue pagar o preço que tal situação exigiria. Lembrou que no horizonte de possibilidades que vislumbra para sua vida essa é uma questão que “não tem saída não”. Um fatalismo que expressa sua condição de classe, a qual indica um campo de questões que pressiona a vida dos trabalhadores e que limita alguns enfrentamentos, pois há outros, na urgência ordinária, forçando a lida com os campos de possibilidade e de pressão.

Maria, com 62 anos viúva, mora na última rua do Conjunto Alvorada, a qual faz divisa com uma plantação de soja que fica entre o lugar onde mora e as demais áreas da cidade. Uma condição que traduz parte de seu descontentamento, assim como dá visibilidade aos limites que encontra ao lidar com o lugar em que mora. Permanecer em um bairro que não tem tantos atrativos, mas sim desafios, pressiona, constantemente, suas práticas de pertencimento e direito à cidade.

Tendo como referência a permanência da plantação de soja como algo que divide o lugar onde mora das outras áreas da cidade, avalia o que mudou e o que permaneceu em sua vida, tendo como referência o período em que está na cidade e mora no Conjunto Alvorada.

O Alvorada não muda... O Alvorada continua a mesma coisa desde quando eu entrei aqui. O bairro não cresce, não tem farmácia, agora que tem um postinho de saúde, mas atende 10 pessoas, só por dia, só na parte da manhã, na parte da tarde não atende paciente nenhum. Se adoecer tem que correr ou para a UAI ou para a Medicina. Você vê, o Alvorada não cresce, e tem essa soja aqui na frente, a soja é o trumento de sempre: é lixo, é cobra, é escorpião, é tudo que você pensar, é rato... Fora de brincadeira viu. É como eu te falo, o Alvorada ele foi muito ruim, agora ele está melhorando, mas num chegou no ponto que os morador qué não.¹⁰

¹⁰ Entrevista de Maria (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi

As mudanças, que compõem um processo que é percebido ainda em aberto, apontam, juntamente com a permanência de dificuldades, uma dinâmica de lutas e embates. As incertezas do atendimento médico, assim como o convívio com os insetos, são apontados por Maria como a expressão da condição de ser trabalhador na cidade. Cuidando da casa e dos filhos, na maior parte sozinha, devido as ausências do marido que passava grande parte do tempo trabalhando nas viagens que fazia, não lhe faltaram situações em que foi muito exigida na rotina da vida que tinha:

Tem 25 anos que eu mudei pra cá... Eu tinha um filho de nove meses de idade, ele foi intoxicado pelo veneno da soja, eu ia de a pé daqui na Medicina, de noite, sozinha, eu e ele. Ai, quando eu tinha medo, porque aqui tinha muito mato, quando eu via que vinha gente na rua eu escondia dentro do mato, quando o pessoal passava eu saía. Mas foi uma luta muito grande. Depois de três meses, aí veio o coletivo, três vezes no dia: às 6 da manhã, ½ dia e 6 horas da tarde.¹¹

A partir das falas elaboradas por Maria e Sebastião se torna compreensiva a preocupação formulada na narrativa de Charles quanto às condições vividas no lugar onde mora. Charles também tem o cerrado como vista da porta da sua casa, um dos limites da cidade. A condição comum de compartilhar a cidade em desigualdade, quando muitas vezes esses sujeitos se identificam como trabalhadores pobres, possibilita visualizar horizontes carregados de pressão. Charles, conforme mencionou na compreensão que apresentou da cidade e da vida dos trabalhadores, sabe dos Conjuntos Alvorada, Mansour, Morumbi e outros tantos que compõem a cidade.

Lida com a expectativa de ter uma vida diferente da vivida

realizada em 28 mar. 2005.

¹¹ Entrevista de Maria (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 28 mar. 2005.

por seus pais e por Maria, chega a sonhar com o que julga ser as possibilidades de ter uma vida mais confortável do que a que leva atualmente. Mas sabe que são muitas as histórias como as de seus pais, de dona Maria, de Sebastião e de muitos outros trabalhadores. Reconhece que essas pessoas possuem muitas semelhanças com a trajetória que têm. Mas busca distanciar-se dessas condições da maneira que entende ser mais pertinente, mesmo quando elas apontam para uma condição comum.

O interesse deste texto é reconhecer a visibilidade dessas experiências, discutindo assim as contradições que elas apresentam, tomando como ponto de partida suas expectativas e frustrações, evidenciando as condições em que são vividas, assim como as relações em que são mantidas. Uma proposta que tem como foco o reconhecimento histórico das trajetórias dos trabalhadores que viveram e vivem a cidade de Uberlândia nesses últimos trinta anos. Entendo que essa cidade se faz também nas práticas dos trabalhadores que a vivem e a disputam, em um estado de tensão que se expressa nas lutas que empreendem para transformá-la, para alterar os termos das relações de desigualdade em que vivem, para mudar suas vidas e o terreno comum que compartilham enquanto trabalhadores. Nessa perspectiva, penso que se tem como desafio refletir sobre a movimentação dos trabalhadores ao viverem essa sociedade, um caminho pensado para repercutir a dinâmica política das relações de classe na sociedade contemporânea.

Charles, dizendo como percebia a vida da família quando criança, no momento em que moravam de aluguel, possibilita a discussão sobre a condição de vida dos trabalhadores na cidade. Conta que,

Eu morei um grande período no bairro Presidente Roosevelt, foi meu período de quatro a oito anos de idade [entre 1985 e 1988]. Nesse período a gente morou em uma colônia. Eram três casas e era bem bagunçado, sabe? O pessoal visivelmente mexia com coisa ilícita... Era uma família muito grande, tinha violência doméstica e coisas desse tipo. Música de tudo quanto é tipo, e

tocava muito alto, atrapalhava... Tudo sem a menor preocupação de estar prejudicando alguém. Mas, a gente morava de aluguel, e a gente convivia com isso durante esse tempo, enquanto meu pai sonhava em comprar um terreno e construir a casa dele. Durante esse período, eu estudava na parte da tarde... E meu convívio mesmo, socialmente, era com os meus familiares e com esse pessoal da vila.¹²

A expectativa pela casa própria extrapola a propriedade da casa, apontando para o interesse em ocupar outro espaço na cidade, o que se sustenta inclusive por essa relação de tensão entre os próprios trabalhadores. A convivência com pessoas que classificou como quem “visivelmente mexia com coisa ilícita”, percebendo assim, que não apresentavam “preocupação de estar prejudicando alguém”, pode ser um indício disso. Os modos de lidar e resolver as urgências da vida não eram, nem são, iguais para todos os trabalhadores, apesar da condição comum.

Segundo Charles, na colônia moravam pessoas que saíram da cidade vizinha, Ituiutaba, e que recebiam constantemente parentes que vinham tentar a sorte em Uberlândia. Grande parte dos homens trabalhava com caminhão, eram motoristas e chapas, enquanto as mulheres, muitas se empregavam como domésticas, outras se prostituíam, faziam das rodovias um ponto de encontro. Uma situação apresentada como muito problemática, mas que o entrevistado fez questão de “esclarecer” que era tratada com muita discrição, que todo mundo sabia, mas que ninguém comentava nada.

A recriminação silenciosa de determinados valores talvez se justificasse porque eram os seus vizinhos, pessoas com quem identificava condições comuns e tinha que se relacionar. Além do mais, uma das famílias era proprietária da colônia. Talvez essa relação fosse tão problemática quanto os custos do aluguel. Talvez preocupasse tanto quanto o orçamento reduzido pelos

¹² Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 6 mar. 2009.

gastos com o pagamento mensal da moradia. Provavelmente essas questões compunham as expectativas pela casa própria, “sozinha” e “sem mistureira”.

A relação entre as crianças também não era menos tensa, as algazarras infantis são apresentadas por Charles com bastante dureza:

O Roosevelt, eu lembro muito, tinha uma certa discriminação com alguns bairros. Lá tinha aberto o novo Satélite, isso eu lembro muito. Pessoal falava, “Ih não, você mora no Satélite?!” Tinha muito disso. Pessoal falava, “Não, eu moro no Roosevelt”. Apesar de que, bairro que a gente considera, falava, “Não, mora em bairro de povão”. Criança brincando na rua, aquela coisa assim, eles [do Roosevelt] ainda se viam melhor que o pessoal que morava no Satélite... O Satélite era Conjunto, casa de Conjunto. Então, tinha muito isso. Eu lembro que quando saiu... tudo quanto é conjunto que saía tinha aquela coisa de falar, “Nossa, as casas são ruins”. Então, era gente muito pobre ou coisa assim, sabe? É igual se você morasse num bairro de um pessoal com as casas assim construída pelo pessoal mesmo, sem planejamento, sem nada, tudo puxadinho, eles ainda achavam que era melhor do que você morar numa casa de conjunto. Então, tinha aquele estigma... Porque as pessoas eram a mesma coisa. Porque eu convivi com as pessoas do Satélite, eu estudava com eles e num via diferença nenhuma. Mas, eu ia também na onda, sabe? Tava zoando os menino do Satélite, então eu zoava os meninos do Satélite também. (risos).¹³

A narrativa da infância no Roosevelt, sintetizada na discussão entre os filhos dos trabalhadores, talvez ajude a entender melhor porque o pai de Charles não precisa ser compreendido como excêntrico ao enfrentar as dificuldades narradas por seu filho para construir, ele mesmo, a sua casa. As avaliações que muitos trabalhadores fizeram sobre as casas e as condições de vida

¹³ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 6 mar. 2009.

nos Conjuntos Habitacionais foram partilhadas por muitos que lutaram em favor de outras possibilidades para conseguirem seu espaço na cidade. Essa luta reconhece os limites de sua força, pois os chamados “puxadinhos” não retiram a condição de classe que ambos partilham, mesmo morando em bairros, a princípio, constituídos por modos diferentes.

Charles sabe que hoje tem que conviver com o olhar cerceador do pai e de muitos outros trabalhadores frente a sua prática de ter ido morar em uma casa de Programa Habitacional. Mesmo acreditando que a condição em que vive hoje é outra, sabe que a recusa dos conjuntos habitacionais é também uma tradição forte entre muitos trabalhadores.¹⁴

A expectativa de fuga dos Conjuntos Habitacionais é recorrente, mesmo quando tudo parece apontar que esta é a melhor escolha econômica a ser feita, mesmo quando tende a ser considerada a única escolha possível. Sempre resta a suspeita de que se pode, ou que seria possível evitar essa condição. Para muitos trabalhadores, conseguir fugir das condições vividas nos conjuntos, estes pensados pelo Poder Público para os trabalhadores empobrecidos, é uma conquista.

As casas feitas por “puxadinhos”, ao contrário da consideração feita por Charles sobre a falta de planejamento para realizá-las,

¹⁴ Enquanto proposta de Política Habitacional, a noção de Conjuntos ficou marcada como uma experiência da década de 1980, sendo que a partir dos anos de 1990 houve um esforço institucional em renomear esses espaços na cidade. Dialogando com as caracterizações feitas pelos trabalhadores que apontavam as dificuldades comuns a esses espaços nas cidades, seja em Uberlândia ou em outras cidades, o Estado vem evitando a noção de conjunto ao nomear os programas habitacionais propostos como alternativa de moradia aos trabalhadores. A referência a uma classificação de bairros integrados, formulada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, busca retirar estigmas atribuídos a esses espaços. Essa prática tem como principal interesse requalificar as divisões marcadas pelos diferentes conjuntos de casas e modos de vida que expressam. Mas, apesar dessas mudanças, muitas meramente linguísticas, persiste uma marca bastante comum na experiência social, uma marca percebida mais por sua permanência enquanto desigualdade do que pelas transformações que estão sendo encaminhadas.

parecem-me que são construídas com muito planejamento, arquitetadas em muitos sonhos, mas realizadas com a pressão das condições de classe que seus construtores enfrentam. Condições que podem ser mais ou menos duras, dependendo de onde estejam empregados, dos momentos de dificuldades inesperadas, os quais podem comprometer um orçamento já apertado, frustrando, portanto, certas expectativas.

Helvécio Domingos Moreira, em trabalho defendido como especialização para o Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, em 1991, supondo a falta de planejamento dos trabalhadores que construíam suas casas no que classificou como “autoconstrução”, chamou atenção para a *Formação e desenvolvimento dos bairros periféricos em Uberlândia*. Em seu terceiro capítulo, intitulado “Espaço da espoliação”, relatou uma conversa que teve com um senhor de nome José, trabalhador da cidade que tinha sua casa no bairro Jardim Ipanema, localizado no setor Leste da cidade:

O Sr. José, do bairro Ipanema, está vendendo a sua casa por um milhão e quatrocentos cruzeiros para fazer uma cirurgia em sua esposa. Ele, que nunca havia segurado uma colher de pedreiro, foi quem construiu a casa, num terreno comprado da Emcop – Empresa Municipal de Urbanização e Construções Populares – que também lhe doou material para a construção de uma pequena unidade de dois cômodos. “Construí sozinho isso aqui, apenas minha velha me ajudou como pôde”, recorda-se, “Trabalhei de noite, sábado, domingo e dia-santo de sol a sol prá ver essa casa em pé”. A casa está completamente inacabada, por fora e por dentro, apenas com uma divisão precária de cômodos, sem instalações sanitárias, sem laje e com um buraco na parte do fundo, dando para o quintal, tapado com tábuas. Também a porta da frente e algumas janelas não têm vidros e estão vedadas com plásticos. O piso é de concreto grosso. A casa tem sala, um cômodo onde será o banheiro, cozinha e três quartos. A atual cozinha já foi um cômodo de despejo, usado para guardar milho e ração, na época em que ficou desempregado e, para garantir a sobrevivência, experimentou comprar 200 pintos,

criá-los e revendê-los. Só que o negócio não deu certo e teve que “liquidar” os frangos na rua, vendendo dois ou três frangos abatidos por 200 cruzeiros para amenizar os prejuízos. Depois disso, o cômodo de despejo virou cozinha e a antiga cozinha se transformou em quarto. O Sr. José se orgulha de não dever “nenhum tostão dessa casa. Comprei o material financiado e nunca atrasei uma prestação [...] Agora vou dar um jeito de vender esta casa, fazer o tratamento da minha velha e, se Deus quiser, construir uma casinha menor para nós dois. Essa é muito grande só para nós”¹⁵

A elaboração feita por Moreira trata de uma questão importante para a discussão deste trabalho. Primeiro porque o olhar do autor para a vida do Sr. José me parece a expressão de uma relação de classe, a qual merece ser problematizada. Segundo porque a descrição das condições vividas por seu José, assim como suas expectativas, parecem-me muito significativas.

A conversa entre Moreira e o Sr. José, realizada em 1991, formula uma relação em que o autor busca certa identificação com o entrevistado. O suposto, presente no decorrer da construção do seu trabalho, é de que os trabalhadores enfrentam uma vida de dureza na cidade. Com esse entendimento, Moreira buscou os “espaços da espoliação”, ou seja, os lugares da cidade onde fosse visível essa espoliação. No ponto que tipificou como autoconstrução, a narrativa se torna autoexplicativa. As pessoas com quem conversou são apresentadas como exemplificação dessa condição, ou seja, são espoliadas porque estão nos espaços da espoliação. Dada essa condição de espoliação, a qual procurava demonstrar, empenhou-se em descrever o modo como os espoliados viviam.

Os relatos são densos. O desejo em denunciar a espoliação dos trabalhadores na ordem capitalista fez com que o autor

¹⁵ MOREIRA, Helvécio D. *Formação e Desenvolvimento dos bairros periféricos em Uberlândia*. 1991. Dissertação (Projeto de pesquisa modalidade aperfeiçoamento – CNPq). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1991, p. 184-185.

empreendesse uma pesquisa muito rica. Contudo, o seu olhar de classe, o olhar de quem estava lidando com pessoas determinadas pela condição social que supunha ter desvelado e que acreditava estar revelando com sua narrativa, parece-me que dificultou o diálogo com os trabalhadores com quem conversou.

Moreira se identificou com as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores que conceituou como espoliados, sem dúvida esse é um valor que acredito ser importante. Mas se distanciava do que percebia como apatia, assim como do que se ressentia como falta de consciência e organização de classe das pessoas com quem conversava. Para ele, esses sujeitos, ao invés de “lutarem” para conseguirem o direito de ter uma casa com condições dignas de moradia, acabavam se submetendo a jornadas extras de trabalho e a sacrifícios no orçamento doméstico, estes empreendidos a fim de permitir a construção dos “puxadinhos” em lugares da cidade que não apresentavam nenhuma infraestrutura. Essa é a própria noção de autoconstrução proposta pelo autor.

Tenho dúvidas quanto à compreensão, formulada por Moreira, sobre a vida de pessoas como o Sr. José que, pode ser representativo, expressando, portanto, uma determinada condição de classe. Acredito que os fragmentos sugeridos no relato do autor apresentam indícios suficientes para que se possa recolocar a questão. Da minha parte, não consigo ver apatia. Pelo contrário, enxergo muita atividade. Percebo muita luta. Chego a compreender algumas das expectativas do Sr. José, assim como me identifico com os valores que as orientam. Vejo tudo isso e não nego a dominação de classe vivida na cidade.

Como entender a decisão de alguém que opta por vender a casa que lutou tanto para construir, frente à necessidade de pagar o tratamento médico da esposa, haja vista a dificuldade com o tratamento público? Como perceber a utilização de um cômodo pensado como cozinha, em sua concepção, transformado depois em depósito de galinheiro? Como perceber a compreensão formulada pelo Sr. José de que a casa inacabada é mais do que ele e a esposa precisam para viver?

O espanto e a estranheza com que Moreira enxerga as condições inacabadas da moradia do Sr. José só não é maior que seu desinteresse frente à ação do entrevistado. O autor chega ao ponto de ignorá-la como luta social, como movimentação social. Seu José, na visão de Moreira, é um homem sofrido, oprimido e espoliado, mas sem potência. Não é sujeito histórico, foi transfigurado em dado de pesquisa acadêmica. A atuação vanguardista do acadêmico matou o homem que vive no Sr. José e nas pessoas que podem ser identificadas com ele.¹⁶

Fazendo-se pedreiro, perdendo o emprego, adaptando a casa como galpão de confinamento de aves, enfrentando o adoecimento da esposa, lidando com as dificuldades do lugar em que mora, tudo isso deve ser pensado junto e ao mesmo tempo.

¹⁶ A compreensão proposta por Moreira não é uma particularidade do seu trabalho. Muitos outros autores, na historiografia e em campos disciplinares distintos, compartilharam e ainda hoje compartilham muitos desses supostos, daí a pertinência do diálogo com o seu trabalho. A influência de uma sociologia estruturalista caracterizou trabalhos que desde o final da década de 1970 ganharam grande expressão em boa parte da produção acadêmica brasileira. Moreira, nesse sentido, dialoga com essas perspectivas. Em muitos desses trabalhos, as noções de “falta de consciência” e de “alienação” estão sendo recolocadas a partir do dirigismo elitista da noção de “planejamento”, com destaque cada vez maior para trabalhos de urbanistas e geógrafos. Sobre algumas dessas referências, ver:

- ALVARENGA, Nízia Maria. *As Associações de Moradores em Uberlândia: um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade*. 1988. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1988.
- KOWARICK, Lúcio. O preço do progresso: crescimento econômico, pauperização e espoliação urbana. In: MOISÉS, José Álvaro (Org.) et al. *Cidade, povo e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 30-48.
- MOISÉS, José Álvaro. Os movimentos sociais urbanos: o caso do “movimento do custo de vida”. In: *Alternativas populares da democracia: Brasil, anos 80*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 73-99.
- MOURA, Gerusa Gonçalves. *Imagens e representações da periferia de Uberlândia (MG): um estudo de caso do setor oeste*. 2003. 319f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003.

É no conjunto dessas pressões que o Sr. José formula suas expectativas e elabora seus valores nas relações que mantém. Portanto, age nesse campo social, produzindo alternativas nas experiências de desigualdades.

Lidando com essa condição de classe, Sebastião, antes de comprar sua casa no Conjunto Alvorada, morou, por algum tempo, no bairro Presidente Roosevelt. Quando saiu de Belo Horizonte e veio para Uberlândia ficou 15 dias na casa da sogra, no bairro Brasil. Foi aí que alugou uma casa no Roosevelt, lugar onde também montou um comércio. No Secos e Molhados, como disse, “Estava vendendo bem. Eu cheguei a achar que ia ficá rico”.¹⁷ Mas, quando começou a vender “fiado” tomou uma “pernada feia” e teve que se desfazer do comércio e ainda ficar com as dívidas.

Foi nesse momento que a família considerou a possibilidade de construir uma casa no entorno do que seria hoje o bairro Santa Rosa, setor Norte da cidade, área que naquele momento era conhecida apenas como Favela da Fepasa:

Aqui, na berada do Roosevelt, não tem uma linha que atravessa ali, que vai para o Bretas? Ali tinha uma favela. A Valéria [esposa] falou assim: “Sebastião, vamos fazer uma casinha pra nós naquela favela”. Falei: “Vamos Valéria, vamos fazer”. Mas, a gente tinha um casal de amigos, que Deus já levou, que foram os nossos pais aqui em Uberlândia, meu e da Valéria. Eles nos acolheram assim [fez um sinal de abraço]. Porque a família da Valéria, acolheu mais ou menos. Porque se eu falar a você que eu agradeço a eles... não, nadinha. E ela sabe disso. Aí, a gente chamava ele de tio Missias. Aí, nós saiu do Roosevelt e alugou uma casa [...] Um dia, o tio Missias foi lá e tudo. Aí, eu falei com ele que estava pensando em fazer uma casinha na favela lá. Ele falou, “Não. Quê que é isso! De jeito nenhum! Eu tenho um terreno grande lá no fundo da minha casa. Faz uma casinha lá para você morar. De tábuas, do jeito que

¹⁷ Entrevista de Sebastião (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 12 jan. 2009.

“você quiser você faz”. Aí, eu fiz, né? Eu tinha dois menino pequeno. Eu fiz a casinha lá.¹⁸

O socorro dos amigos, a solidariedade que muitas vezes não é encontrada nem mesmo entre os familiares, também compõe o campo de relações entre os trabalhadores, mesmo que saibamos o quanto isso é valorado como raro e digno. Mas, a possibilidade da moradia na favela parecia rondar como alternativa frente às dificuldades. Parecia estar ali para lembrar que não eram os únicos trabalhadores que não conseguiam sustentar suas residências como mercadorias a serem compradas ou alugadas. Que a possibilidade da vida na favela existia e que poderia ser construída, mesmo que custasse a marca do fracasso, o rótulo e a imagem da pobreza na sociedade em que viviam.¹⁹

Enquanto moravam no terreno do amigo Missias, a mulher de Sebastião, que já havia trabalhado como auxiliar de enfermagem no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, em 1977, mas que saiu do emprego devido o adoecimento do filho, voltou a trabalhar no HC em 1978. Sebastião só iria começar a trabalhar no hospital em 1980. Quando foi à falência, perdeu o armazém, trabalhou, por um tempo nas Lojas Americanas e no Armazém Peixoto, como estoquista.

¹⁸ Entrevista de Sebastião (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 12 jan. 2009.

¹⁹ Pensando como são construídos esses espaços de resistência dos trabalhadores, onde favelas e assentamentos são tidos como alternativas diante as pressões do viver em Uberlândia, Petuba contribui, significativamente, com seu trabalho. A autora destaca a luta de trabalhadores ao construírem o Bairro Dom Almir, no setor Leste da cidade. Esses trabalhadores ao exigirem não só o reconhecimento de suas moradias, bem como a legitimidade de sua trajetória de luta desde assentamentos anteriores, recompõem relações de força e problematizam as desiguais condições de vida na cidade, indicando necessidades e expectativas como formas de disputa por pertencimento e modos de viver. Ver: PETUBA, Rosângela M. S. *Pelo Direito à Cidade: Experiência e luta dos ocupantes de terra no Bairro Dom Almir – Uberlândia (1990-2000)*. 2001. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

Quando lhe perguntei como tinha sido esse período antes de entrar no hospital, como havia percebido essa mudança da condição de pequeno comerciante para empregado assalariado, construiu a seguinte argumentação:

Aí é que está o problema. Trabalhei como um louco. Mas, como eu já era acostumado a trabalhar de empregado mesmo, a queda não foi muito não. Você entendeu? Eu senti até aliviado. Por quê? Eu não sei dever. A Valéria fala, mas eu realmente não dou conta de dever. Não sei dever. E armazém que era da gente, no caso meu, enquanto eu tinha dinheiro, comprava a dinheiro e acabou. Depois que eu comecei a fornecer fiado [...] que tomei um prejuízo danado, aí foi quando eu tive que vender o comércio para trabalhar de empregado. Quando eu fui para as Lojas Americanas, eu entrava às 7 horas da manhã e tinha dia que eu saia meia noite e meia, uma hora, duas. Chegava em casa, dormia um pouquinho, levantava e voltava para o serviço. Fazendo extra para cobrir algumas contas do armazém ainda. Porque eu fiquei devendo.²⁰

Frente à condição em que vive, hoje, reconhecendo-a como uma situação de conforto, fica à vontade para apresentar a compreensão de que se empregar assalariadamente pode ser mais interessante do que ter um negócio próprio. Ao valorar como importante a condição de não ser devedor, tendo como referência a efetiva falência como comerciante, sugere que voltar para o ramo que conhece bem, o de trabalhador assalariado, pode até trazer mais tranquilidade e menos sofrimento, mesmo reconhecendo que a mudança no ritmo de trabalho foi um grande problema, chegando a comprometer, em alguns momentos, sua relação familiar. Nesse sentido, pagar com salário de estoquista o preço pela tentativa de se tornar patrão foi mais um desafio vivido por Sebastião na cidade.

²⁰ Entrevista de Sebastião (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 12 jan. 2009.

Ao contrário de Sebastião, José Alves da Silva, apresentado nas páginas do Jornal Participação, em agosto de 1984, fez das margens do Rio Uberabinha, na altura do que seria hoje o bairro Daniel Fonseca, a possibilidade de se ter uma casa na cidade. Esse trabalhador, no final da década de 1970, foi morar no lugar que era conhecido naquele momento como Favela do Uberabinha. O Sr. José nasceu em Uberlândia, profissionalizou-se como pedreiro, mas pagava aluguel na Favela do Uberabinha.

Em 1984 aderiu ao Programa de Desfavelamento promovido pela Prefeitura Municipal.²¹ No mês de agosto, deste mesmo ano, o Jornal Participação, publicação da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Uberlândia, produziu uma matéria sobre os mutirões que construíam as casas das pessoas que estavam sendo removidas das margens do rio para um novo bairro da cidade, o bairro Esperança, na extremidade Norte da cidade. O senhor José, então com 36 anos, foi um dos personagens escolhidos pela reportagem.

Longe dos cálculos das cozinheiras de alimentar cerca de 160 famílias, José Alves da Silva [...] trabalha pelo quarto dia na fundação de sua casa. “Por enquanto é só um cômodo e um banheiro. Se Deus abençoar que a gente acerte na loto, faço o resto. O diabo é que faço um ponto apenas.” Desempregado e sem condições até para alimentar a família, José afirma que o Prefeito prometeu ajudar, só não vai dar o madeiramento e o telhado. Como mora na beira do rio pagando aluguel, José diz que terá que pedir “uma telha a um e a outro, para cobrir o meu barracão e meus filhos – três meninos e uma mocinha. Faz oito anos que moro no Uberabinha. Estou desempregado a mais de dois meses.” Para ajudar nas despesas da casa, sua mulher Ângela Maria Alves está

²¹ O programa de desfavelamento planejava a desocupação das moradias que ficavam às margens do Rio Uberabinha, as quais eram consideradas ilegais pelo Poder Público. O programa previa a transferência desses moradores para o Bairro Esperança, o qual estava sendo criado especialmente para receber esses novos moradores. O projeto inicial propunha a constituição de “160 lotes, cada um com 250 metros quadrados (10x25m)”.

cuidando de duas meninas de uma senhora. Seu ganho, no entanto, é pouco. “Só pagam quando termina o mês”, afirma. Ângela Maria está preocupada com a educação das crianças: “Não falaram se terá escola para os meninos, os quatro estão estudando”.²²

Um Programa Municipal de Desfavelamento que inaugurou mais um bairro no entorno da cidade. Mas para o Sr. José, que estava pagando aluguel e que se encontrava desempregado, esse programa surgiu como uma possibilidade de conquista da casa própria. Nos dois anos anteriores, as enchentes do rio trouxeram muitos prejuízos, causaram muitas perdas e chegaram a fazer alguns mortos. O Poder Público, com claro interesse em desocupar aquela área da cidade, devido às moradias que estavam ali construídas, aproveitou para intensificar as ordens de despejo, promovendo o deslocamento dos moradores daquela região.

O lote no bairro Esperança foi financiado pela Empresa Municipal de Urbanização e Construções Populares – Emcop. Os materiais de construção, que comumente também eram financiados pelo órgão, foram prometidos como uma doação do Prefeito Zaire Rezende aos “flagelados da enchente”. Como o Sr. José mencionou, eram suficientes apenas para erguer um cômodo e o banheiro, com exceção do madeiramento e do telhado. Mas, mesmo a reportagem do *Jornal Participação* estando presente para divulgar as ações da Administração Municipal e celebrar o dia de festa, deixou transparecer, mesmo que essa não fosse a sua intenção, as dificuldades e as preocupações das 160 famílias que estavam no mutirão de construção das casas.

Seu José, não deixou de lembrar que só mesmo ganhando na lota é que via possibilidades de construir a casa, caso contrário precisaria da doação dos materiais que faltariam para terminar o que a Prefeitura estava chamando de embrião, mas que para ele, sua esposa e seus quatro filhos, seria a moradia da família.

²² Um uberlandense sem sorte na lota. *Jornal Participação*. Uberlândia, ago. 1984, p. 7.

A mulher, dona Ângela Maria Alves, que estava arcando com as despesas da família, expôs os problemas de um bairro que estava sendo pensado, pela Administração Municipal, para trabalhadores empobrecidos. Questionou se existiria escola para os filhos, já que ninguém havia mencionado nada a respeito disso.

Certamente a falta de escola para os filhos foi apenas mais uma das questões que tiveram que enfrentar em sua condição de classe ao se mudarem para o novo endereço na cidade. As ruas sem asfalto, a falta de atendimento médico, as linhas de ônibus irregulares, a implementação dos serviços de água, luz e esgoto, essas foram e continuam sendo questões recorrentes para os trabalhadores que seguiram para o Esperança, mas também para o Liberdade, para o Tocantins e vários outros bairros criados na década de 1980 como programas de desfavelamento realizados pela Administração Pública Municipal.

Mas, nem todos os trabalhadores que eram designados como favelados aderiram a esses programas. O Sr. Urias Pereira, um aposentado de 77 anos, em agosto de 1986 é apresentado nas páginas do Jornal Primeira Hora como um dos moradores da Favela do Uberabinha, um dos que se negavam a sair do lugar onde morava para morar no bairro Esperança, conforme fez o Sr. José, dois anos antes.

A reportagem do Jornal Primeira Hora, periódico criado pelo grupo peemedebista, ligado ao prefeito Zaire Rezende, construiu a seguinte narrativa a partir do encontro com o Sr. Urias:

Urias contou que também já foi procurado pela Secretaria de Ação Social para que deixasse o local, só que não aceitou e nem aceitará, se antes não tiver suas exigências cumpridas. “Eu não aceito ir lá para o Esperança, lá não tem condições da gente morar, eu já sou um velho e tenho aqui a minha chacinha, de onde tiro o sustento para mim, minha mulher e duas netinhas que eu crio [...] o dinheiro da aposentadoria não dá nem para o café [...] Se eu for lá para o Esperança, não vai ter jeito de trabalhar, pois é aqui que eu tenho a minha chacinha. Além disso, lá não dá para plantar nada, porque o terreno é pequeno e mesmo porque é só areia. E tem também o

problema de que lá só mora quase que gente atoa. Eu já falei para eles (referia-se aos agentes da Secretaria de Ação Social) que das 180 famílias que eles afirmam que levaram para lá dizendo que eram daqui da 'Beira do Rio', não tem nem dez. Eles levaram para lá foi só gente atoa, maconheiro, pinguço, tirador de esmola, pai de família mesmo, trabalhador honesto, eles não levaram quase ninguém".²³

Não é tranquilo perceber que quem foi recriminado pelo Poder Público, mas que provavelmente também tenha sido qualificado pejorativamente por muitos outros moradores da cidade, frente à designação de favelado, elabore a compreensão apresentada pelo Sr. Urias para qualificar os moradores do bairro Esperança. Mas essa desqualificação foi e é partilhada por outros moradores da cidade, mesmo entre os trabalhadores como Urias. Muitos dos que eram vizinhos da Favela do Uberabinha, mesmo os que moravam em condições semelhantes aos que eram classificados como favelados, colocaram-se a favor da desocupação das margens do rio, os quais, em muitos momentos, usaram adjetivos semelhantes aos apresentados por Urias, ao tratar dos moradores do bairro Esperança.

Essas contradições não podem ser ignoradas. Elas compõem o repertório de valores presentes nas relações de muitos trabalhadores ao viverem a cidade. O Sr. Urias, que argumenta frente à injustiça de ter o modo como vive alterado e comprometido pelos interesses defendidos pelo Poder Público, é capaz de identificar-se com muitos trabalhadores, mas também de distanciar-se de muitos outros, às vezes com noções, as mais duras possíveis.²⁴

²³ Favelados do Uberabinha não querem ser transferidos. *Jornal Primeira Hora*. Uberlândia, 20 ago. 1986, p. 9.

²⁴ Sheille Soares de Freitas procura enfrentar essas contradições em sua tese de doutorado. Coloca em evidência as polêmicas diante as construções dos Parques Lineares às margens do rio Uberabinha. O Poder Público vem propondo a construção de parques e bosques nas margens do rio que cortam a cidade. A questão da desocupação dessas áreas, devido à consideração,

Ser trabalhador honesto, pai de família, foram condições que ele considerou para si e para alguns outros. Pois, conforme seus valores, há entre ele e aquele que usa maconha, bebe pinga e pede esmola. Joga com esses princípios ao se relacionar com o Jornal Primeira Hora, procurando legitimar sua permanência nas margens do rio, ou mesmo como um modo de argumentar para que tenha suas reivindicações atendidas.

Julgou que precisava manter uma área para o cultivo de hortaliças, assim como para a criação de animais. Era assim que garantia o seu sustento. Lutava, portanto, para preservar as condições necessárias frente ao modo como trabalhava e garantia a alimentação da família, o que se tornaria muito complicado frente às condições que enfrentaria no bairro Esperança. Procurou, portanto, diferenciar-se dos sujeitos com os quais o Poder Público o identificava como iguais. O que o Sr. Urias fez com bastante cuidado, porque tinha que sustentar a condição de trabalhador, adjetivando-se, no entanto, como honesto; um modo de negociar, da melhor forma possível, o que seria sua expulsão do lugar que ocupava na cidade.

Essa ação, formulada em sua prática de diálogo com a imprensa, expressa sua atuação nas condições de desigualdade que vivia. Sabia das dificuldades, percebia que os jornalistas foram ali criminalizar a sua resistência em sair das margens do rio. Mas enfrentava as dificuldades da maneira como compreendia sua vida, a partir das relações em que se envolvia e se movimentava na cidade. Tinha como referência os valores e as expectativas que sustentava em sua conduta. Lutava por elas, as defendia como

por parte do Poder Público, de que seriam construções ilegais está no foco da questão, uma vez que estariam depredando o meio ambiente e invadindo espaços destinados à preservação ambiental. A autora procura discutir o quanto isso vem sendo questionado pelos moradores da cidade em que estão sendo alvo de despejos e o quanto essa política de revitalização ambiental coloca em tensão as relações de desigualdade e diferenciação social ao se viver a cidade. Ver:

FREITAS, Sheille S. de. *Por falar em culturas*. Histórias que marcam a cidade. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

condições de se viver melhor na cidade, afinal, era seu local de moradia, trabalho, segurança.

Quando perguntei a Charles como foi mudar do Roosevelt para a nova casa, também propôs essas diferenciações, dizendo das dificuldades de se relacionar na escola do Conjunto Luizote de Freitas no final da década de 1980, onde passou a estudar quando foi morar no bairro Jardim Patrícia:

Eu fiquei apavorado nos primeiros dias, porque a condição lá, eu acredito que a própria condição das pessoas do bairro, era totalmente diferente da situação do pessoal que mora no Roosevelt, por exemplo. Quando você conversava com os meninos da escola, por mais encapetados que os meninos fossem, tinha uma vida diferente. No Luizote, eles estavam convivendo com uma marginalidade assim a todo momento. Tinha tiroteio na avenida principal do Luizote a todo momento. E tráfico e tudo quanto é calamidade que você pensar o Luizote era palco disso. Então, o colégio era um reflexo daquilo que era a vida do cotidiano desse pessoal. O linguajar deles, os trajes que eles usava, os hábitos que eles tinha eram reflexo disso, da forma como eles viviam. Então, eu fiquei aterrorizado, eu sai de um colégio que eu posso até dizer que era de papaizinho, vamos dizer assim – apesar de ser público –, todo mundo ali era aquela coisinha mais mansa, mais tranqüila, para cair no Luizote, que eu achava que aquilo ali era o submundo, que aquilo lá era horrível. O fim da picada. Mas, com o passar do tempo, você vai se habituando, você vai aprendendo os trejeitos do lugar e tudo mais, vai aprendendo as regras que você não pode quebrar, que você tem que se adaptar, senão você não sobrevive ... Tem os grupos, ou você se adequa ao grupo, ou você é segregado. Então, geralmente eu era segregado... Eles não te deixam em paz, você podia ser espancado, suas coisas eram roubada o tempo todo, sempre motivo de ovação por alguma coisa, você não era escolhido para os grupos de educação física, grupos de estudo, nada. Depois de um certo tempo, quando você começa provar valores para alguma coisa, aí você passa a ser usado. Você é tolerado dentro do grupo porque você tem alguma

coisa que eles precisam. No caso, como você se destaca pelos estudos, você geralmente só tem valor quando é para formação de um grupo em que precisa tirar nota, então eles querem fazer parte do seu grupo. Mas você não pode ser visto com uma pessoa dessa, porque é ruim para ele.²⁵

Acredito que essas distinções, que são construídas na confrontação de valores também entre os trabalhadores, não comportam uma compreensão que estabeleça a tensão apenas na relação entre patrão e empregado. Essas questões não parecem permitir tipificações polarizadas nas práticas formuladas pelos sujeitos ao viverem a cidade. Ao pensar a sociedade a partir do suposto de relações de classe, não pretendo segregar os trabalhadores e suas ações em tipos de condutas.

No que se refere à produção do conhecimento histórico, entendo que a dinâmica das relações sociais e as movimentações construídas pelos diversos trabalhadores precisam ser compreendidas no modo como são mantidas em suas historicidades. Isso não dá espaço para especulações estruturais e deterministas, mas sim, sugere a complexidade de pressões e limitações que permeiam as relações classistas.

Charles, filho de uma família de trabalhadores, distingue-se, tanto quanto foi distinguido, do conjunto das outras crianças e jovens com quem se relacionava, os quais também eram filhos de trabalhadores. Percebe que mudar do bairro Roosevelt para o bairro Jardim Patrícia e frequentar a escola do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas pode ter muita diferença, mesmo tendo como referência as condições narradas. A rigor, são todos trabalhadores, a condição partilhada por todos ao viverem a cidade é a de desigualdade, sendo que a pressão nos modos como vivem compõem uma determinada condição de classe. No entanto, essa condição não determina o modo como se relacionam.

²⁵ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 6 mar. 2009.

A violência no Conjunto Luizote de Freitas é percebida de maneira extremamente marcante por Charles. Destaca isso frente às condutas das pessoas com quem tinha contato. Os tiroteios constantes, a ostensiva comercialização de drogas e a ridicularização vivida na escola expressavam uma relação de estranhamento. A hostilização que sofria, assim como o olhar de distanciamento que imprime hoje para aquelas condutas, apontam para a compreensão de que não eram os mesmos, ainda que convivendo em condições comuns. Viam a vida de maneiras distintas, pois, como lembrou, “tinham uma vida diferente”, o “linguajar”, os “trajes”, os “hábitos”, assim como os “trejeitos”. Modos que evidenciavam distinções marcantes, o que exigia o esforço constante para a adaptação, para a convivência necessária.

Charles, quando foi perguntado sobre o que encontrou no bairro Jardim Patrícia, em 1989, ano em que mudaram para lá, disse o seguinte:

Não tinha muito vizinho, quando a gente mudou o bairro era deserto. Tinha umas três casa e uma padaria. E a gente lá. Você olhava assim, os quarteirões inteiros tinha infraestrutura já feita, água e esgoto já, e asfalto e energia elétrica, mas tudo vazio... Já tava loteado, pronto para vender. A fazenda do Virgílio Galassi foi loteada e foi feito o Jardim Patrícia. Só tinha essa vizinha, que morava numa casinha de placa, bem pequena mesmo, eram dois cômodos de fundo, que ela construiu provisoriamente, que depois ela construiu um sobrado na frente, enorme, muito grande, e o barraquinho foi demolido. Ela morava com dois filhos e um neto. Uma filha, um filho e um neto. E a outra filha dela tava no exterior, enviava dinheiro, era a mãe do menino, neto dela. Foi o único contato que a gente teve nesse período, os meninos eram muito custoso, fazia muita arte. Mas, a senhora ajudou muito, principalmente nesse período que foi muito difícil, que a gente não tinha recurso, não tinha água, não tinha nada, ela cedeu pra gente. Embora meu pai pagasse tudo bonitinho, mas dependia da boa vontade dela.²⁶

²⁶ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi

O pai de Charles procurou se beneficiar do novo loteamento, empreendido a partir da especulação imobiliária produzida pelo Poder Público com a realização do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, inaugurado no início da década de 1980. O fazendeiro Virgílio Galassi, mencionado por Charles, era nada menos que o prefeito, o qual planejou e entregou as casas do Luizote de Freitas, que tem esse nome devido homenagem prestada ao amigo fazendeiro, vizinho de propriedade, de quem comprou as terras para a construção do conjunto.

Sendo um dos primeiros moradores do bairro Jardim Patrícia, o qual começou a ser comercializado quase dez anos após a inauguração do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, o pai de Charles procurou comprar o lote com um preço menor, mas em um lugar na cidade que acreditava que iria valorizar após certo tempo. Sabia que o bairro Jardim Patrícia era um empreendimento feito para um público diferente dos trabalhadores que moravam nos conjuntos habitacionais. Portanto, buscava essa distinção, ambicionava esse espaço.

O bairro Jardim Patrícia constituiu-se enquanto área de pouso imobiliário que se localizava entre o Conjunto Luizote de Freitas e o restante da cidade, portanto dotado da infraestrutura que foi estendida até o conjunto. Infraestrutura realizada, em grande parte, pelo Poder Público, reduzindo enormemente os gastos da imobiliária Viga Assessoria e Vendas de Imóveis, de propriedade do ex-prefeito Virgílio Galassi.

O pai de Charles mudou para um lugar que tinha água encanada e energia, mas sua condição não permitia sequer pagar pela instalação do serviço, não se beneficiando, inicialmente, nem mesmo da infraestrutura oferecida no local. A aposta no futuro, no que julgava poder realizar com o passar do tempo, e mesmo as transformações esperadas com o investimento feito, serviam como incentivo para superar as dificuldades que julgava como momentâneas. Com interesse distinto, apostava no projeto imobiliário realizado basicamente com o dinheiro público, mas empreendido por uma empresa privada. Torcia

realizada em 6 mar. 2009.

pelo sucesso da especulação realizada por Virgílio Galassi, acreditava que também poderia ser beneficiado se tudo desse certo.

Ao mesmo tempo, recorreu à vizinha, que morava em uma casa de dois cômodos no fundo do terreno, construída com placas de cimento pré-moldáveis, para ter acesso a água e a energia elétrica. A vizinha, mãe solteira, conhecida como dona Cotinha, cuidava de dois filhos e um neto. A mãe de seu neto, que estava na Espanha, enviava o dinheiro que custeava as despesas da casa. Charles mencionou, no decorrer da entrevista, que todos os vizinhos sabiam que a filha que enviava dinheiro do exterior, era prostituta, mas que por ser a mãe uma pessoa muito religiosa evitavam polemizar o assunto. Foi com o dinheiro ganho pela filha que demoliu o barraquinho de placa e pôde construir um sobrado enorme para a moradia da família.

Charles, falando de como viveu esse momento, contou da relação que tinham com a vizinhança e o que fazia para se divertir:

A nossa criação foi muito fechada. A gente não podia sair de casa. Não podia ficar na rua, porque a gente não era moleque, segundo meu pai falava, “Você não vai ser moleque”, moleque era... Para ele é você ficá na rua, você não ter o que fazer, ficá largado, coisa assim. Na verdade, a gente queria brincar, mas não podia saí. Não tinha muita opção, porque saí você ia saí para brincar com o filho e o neto da vizinha, e eles não eram boa companhia. A gente mesmo sabia disso. Depois a gente brincava de alguma coisa, mas era aquela coisa mais regrada e que sabia que não ia dá boa coisa. Saía briga, brigas feias... De ferimento mesmo de quase morrer. Pedrada na testa, esse tipo de coisa. Então, a gente tinha que se virá no espaço que a gente tinha. Eu ficava fechado em casa, então eu dedicava meu tempo a televisão [...] A televisão era minha até 6 horas da tarde, depois das 6 horas eu disputava até a hora que o meu pai chegava. Na hora que o meu pai chegava era dele, acabou. Eu assistia desenhos e filmes. Foi a época que eu descobri a seção da tarde, então eu assistia filmes. Muitos filmes, seriados e desenho.²⁷

²⁷ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi

A criação dos filhos não é coisa fácil para os trabalhadores que projetam, como expectativa, valores que apontam para a noção de que “não vai ser moleque de rua”. A família da vizinha que ajudava nos momentos de maiores dificuldades pode não ser considerada uma boa companhia. O fechar-se na casa evitando o convívio na rua é tentado, por muitos, até o limite do possível.

O autoritarismo patriarcal pode servir como proteção para os filhos dos trabalhadores que, em uma sociedade de classe, podem sofrer aliciamentos variados, como a prostituição, o crime e as drogas. É na vivência dessas contradições que assistir a programas de televisão surge como uma possibilidade de entretenimento. A Sessão da Tarde, programa exibido de segunda a sexta-feira na Rede Globo de Televisão, tanto quanto os seriados dos desenhos matinais, dialogam com uma expectativa social na medida em que os filmes e as animações, boa parte deles voltada para um público infantil, servem para ocupar as crianças e os jovens dentro das casas, seja porque suas mães trabalham e não tem com quem deixar seus filhos, seja porque desejam que eles se envolvam com algo que rivalize com as furtas e atraentes brincadeiras na rua, cerceando o convívio dos filhos com outras crianças, o que aparece como mais uma preocupação.

As novelas, pensadas para um público adulto, também compõem o repertório de possibilidades de entretenimento das famílias que fazem dessa programação uma prática de lazer, de ocupação, que fazem dos seus episódios elementos de conversas com amigos e vizinhos. Uma possibilidade que dialoga com pressões que limitam outras sociabilidades. O descanso do dia de trabalho e as refeições feitas à noite ganham o atrativo do clarão da televisão que surge como uma possibilidade para os que vêm na rua perigos que precisam ser minimizados.

Ao mesmo tempo e, contraditoriamente, o aparelho de televisão permite que se tenha notícia do que fica fora dos muros da casa, permite uma determinada convivência social. A disputa pelo controle do aparelho, muitas vezes, só é definida pelo mesmo

autoritarismo patriarcal que trabalha pelo confinamento dos filhos e, em certa medida, pelo confinamento da própria esposa.

Charles, ao falar dos empregos que a mãe procurava manter, conta como era a relação entre os pais e como percebia a articulação que promoviam para manter o sustento da família:

Minha mãe trabalhou na Daiwa e saiu quando ela estava grávida de mim. Foi a última experiência que ela teve registrada... Ela fala que adorava trabalhar na Daiwa. Minha mãe tem uma relação assim de ganhar dinheiro, trabalhar ela não reclama não. Ela gosta de ter o tal do dinheiro. Ela reclama assim, ela fala que o meu pai obrigou ela a sair da Daiwa. Porque ela estava grávida e por tudo que decorreu disso. Ela teve um processo contra a Daiwa e ela fica brava com o meu pai até hoje por causa disso [...] Depois, ela teve alguns serviços esporádicos e trabalhava como manicure. Fez vários serviços de manicure, por algumas vezes. Meu pai nunca gostou muito que ela fizesse esse tipo de serviço, então ela parava. Aí, no momento em que apertava muito ela voltava a fazer, depois parava de novo. Não porque tranquilizou a situação, mas por pressão mesmo do meu pai. Quando apertava muito de novo, não tinha jeito, aí ela voltava a fazer e assim foi. Meu pai trabalhou numa empresa de ônibus durante muito tempo, passou por diversos cargos. Durante um bom tempo, ainda depois que eu fui morar no Patrícia, meu pai trabalhou como bilheteiro, depois que ele melhorou um pouco a situação dele e foi trabalhar na garagem mesmo [...] Minha mãe ainda estava naquela vida de fazer unha de vez em quando. Aquela mesma coisa, meu pai brigava, aí ela parava. Quando o bairro foi adensando, adensô muito rápido, aí ela tinha uma freguesia imensa ali à disposição. Sempre que ela voltava a fazer unha tinha uma fila para fazer unha, então nunca faltou. Agora, a disposição dela é que não era muito regular.²⁸

Hoje, a mãe de Charles emprega-se como faxineira,

²⁸ Entrevista de Charles (pseudônimo), concedida ao autor. A entrevista foi realizada em 6 mar. 2009.

normalmente trabalha em três casas diferentes, indo dois dias da semana em cada uma das casas. Não tem uma boa relação com o marido, o pai de Charles. O filho menciona que eles ainda moram na mesma casa, mas dificilmente conversam um com o outro. O pai de Charles ainda se opõe aos serviços realizados pela mulher. Mas, no momento, encontra-se desempregado. Aluga uma das três casas que possui, no mesmo terreno, pelo valor de meio salário mínimo, a mesma casa que Charles morou com a mulher quando se casaram, mas que desocupou quando preferiu ir morar de aluguel. Na outra casa, no fundo do lote, moram a avó de Charles e um dos irmãos de seu pai.

A mãe de Charles teve que sair da empresa em que trabalhava, não porque achava que deveria fazê-lo, mas porque o marido a pressionou. Apesar do valor identificado pelo filho, o de ter o seu próprio dinheiro, sua mãe só tinha autorização do marido para trabalhar quando a situação financeira da família não permitisse outra condição. Essa era a pressão para negociar o seu trabalho e ampliar sua participação na renda e nas decisões da família. Sua integração no mercado de trabalho se dava pelas relações de vizinhança, sendo ora manicure, ora babá, ora passeadeira, ora diarista de suas vizinhas mais abastadas.

O pai de Charles, que começou trabalhando como guarda-noite na empresa de ônibus rodoviário Gontijo, no início da década de 1980 chegou ao cargo de gerente regional na segunda metade da década de 1990. Um percurso em que construiu na sua relação de trabalho a possibilidade de transformar sua vida: comprar um terreno, erguer a casa, manter a mulher fora do trabalho, educar os filhos, assistir à mãe. Questões que não foram tranquilas e exigiram rearranjos e novas proposições ao longo do caminho. E quando o aparente sucesso havia chegado, não durou mais de cinco anos, sua condição de gerente não lhe retirou da condição de trabalhador, portanto os riscos do desemprego e das inseguranças voltaram, quando, ao final daquela década, foi demitido da empresa.

Vinte anos trabalhando em uma mesma empresa, essa foi a conta realizada quando o pai de Charles foi demitido no fim

da década de 1990, já tinha 46 anos. O bairro Jardim Patrícia, a aposta de Virgílio Galassi, do pai de Charles e de tantos outros, havia se tornado um bom lugar para a classe média viver, essa seria a aposta que seu pai daria continuidade. No entanto, o sobrado inacabado, que o pai e a mãe de Charles tentam erguer desde o início do ano 2000, denuncia, em sua fachada sem reboco, que aqueles moradores são remanescentes de um tempo em que a cidade era outra, mesmo que os moradores fossem os mesmos.

Construindo um caminho diferente, Josina Ferreira Neves, trabalhadora, foi abordada pelo Jornal Participação em fevereiro de 1985 na sessão Fogão Caipira. O periódico, procurando tratar do que classificava como “a vida do povo, suas ações, suas organizações e suas qualidades”, propôs que dona Josina ensinasse às leitoras do *Participação* uma receita de mané-pelado, o que apresentou como “uma doce receita da cozinha popular”. O texto da matéria, apesar de preocupado com a construção de uma relação harmônica entre o Poder Público e os trabalhadores da cidade, deixa perceber a luta dos trabalhadores mesmo onde se quer ignorá-las:

Dona Josina Ferreira Neves, 48 anos, não dispensa o fogão à lenha para assar, durante três dias na semana, os tabuleiros de pizzas, pães de queijo e coxinhas que seu filho Sérgio, de 12 anos, vende nas ruas de Uberlândia. O fogão de lenha é tão indispensável para ela que se tornou condição principal para alugar uma casa [...] Suas mãos calejadas pela lida diária do fogão não se cansam, produzindo ainda tapetes, colchas de retalho e trabalhos manuais.²⁹

Apesar dos esforços do colunista, não vejo nada de romântico nesse relato. Percebo a ação de uma senhora que, lidando com a sua condição de classe, ao contrário do que ocorreu na família de Charles, instiga o filho de 12 anos a andar pela cidade procurando

²⁹ Mané-pelado, a doce receita de dona Josina. Sessão Fogão Caipira. *Jornal Participação*. Uberlândia, fevereiro 1985, p. 12.

vender as quitandas que fazia. A renda da família carece dessa atividade e Sérgio contribui da maneira que pode. Uma mulher envolvida nas decisões e despesas familiares participa da discussão sobre as condições do local de moradia. O fogão à lenha é condição fundamental para a redução dos custos dos produtos feitos para a venda, uma alternativa em relação ao gás de cozinha.

Certamente que a vida no fogão é bastante cansativa, provavelmente não é para ocupar o tempo que dona Josina se dedica aos trabalhos manuais. Encontra na produção dos tapetes, das colchas e do que mais conseguir fazer para que possa ser vendido, uma possibilidade de contribuição para o sustento da família. Participa da composição da renda com o filho e o esposo na expectativa de uma vida mais confortável.

Todas essas diferenças, expressas na vida dos trabalhadores aqui apresentados, compõem o campo das relações possíveis ao se viver e partilhar a cidade em condições de desigualdade. Os trabalhadores são diversos entre si, isso significa reconhecer interesses, expectativas e valores que podem apontar para caminhos distintos e, por vezes, conflitantes. A convivência na cidade permite que se coloque em questão o modo como trabalhadores constroem suas trajetórias, como se divergem e se associam em projetos de vida, projetos de cidade, projetos sociais.

Nesse sentido, retomando a questão que propus para o início dessa discussão, não consigo perceber como pode se sustentar uma noção tão monolítica como a de época. Certamente que este texto não busca negar a historicidade nas relações sociais, mas sim evidenciar historicidades que me instigam a argumentar sobre um sentido de história, o qual percebe que o que há de distinto e de comum na vida dos trabalhadores não se marca com uma linha no tempo. Não se fecha, nem se decide, com um marco qualquer que se possa propor na produção historiográfica, ou na fala de qualquer um que se arrogue dono do tempo ou das expectativas e valores dos trabalhadores.

Procurei sugerir a divisão do que Charles apresentou como sendo a época do seu pai. Busquei evidenciar que outros,

vivendo no mesmo momento histórico que seu pai, construíram alternativas diferentes, viveram expectativas distintas, mesmo que de fato tenham vivido, como trabalhadores, a mesma sociedade, que tenham atuado sobre condições comuns. Busquei evidenciar que houve mudanças, mas que existiram permanências diante o que apresentou como sendo a época em que vive. Entendo essas temporalidades como um processo histórico, o qual se faz na convivência dessas desigualdades e diferenças ao se viver como trabalhador na cidade.

Contudo, também coloquei como provocação, ao propor discutir esse processo histórico, uma reflexão sobre a sociedade capitalista contemporânea, a qual vem se desenhando no início do século XXI, e que Charles se refere como sendo sua época. Com isso procurei colocar em foco os referenciais que sugeri como particulares ao tempo em que vive. O diálogo que estabelecemos apontou, por parte de Charles, a compreensão de que o consumo se expandiu e que cada vez mais trabalhadores participam com alguma efetividade das relações de mercado. O incômodo que tenho com sua argumentação, assim como com o lastro que ela parece sugerir, talvez se traduza em saber se as relações capitalistas estão produzindo consentimentos e expectativas nos trabalhadores.

Acredito que existem evidências que apontam para esse suposto sentimento, mas, também, existem evidências que possibilitam dividir esse sentido atribuído às relações que vivemos no tempo presente. Penso que talvez seja o caso de recolocar a questão. Para isso, entendo ser importante insistir na discussão das experiências de desigualdade, mas não fugindo das contradições que elas manifestam, visualizando histórias que convivem enquanto expectativas em um mesmo processo de tensão nas relações classistas.

Por essa perspectiva, a cidade foi apreendida nas experiências do ser trabalhador. Nesse sentido, a desigualdade enfrentada por trabalhadores ao se relacionarem na cidade não aponta para um único caminho, nem mesmo para uma expectativa única. As perspectivas vislumbradas sugerem diferenças que merecem

ser investigadas a partir da confrontação social desses sujeitos. Reconhecer que as relações estabelecidas na cidade são comuns aos que nela vivem não pode significar ignorar as desigualdades, como também não pode deixar de reconhecer que o modo de lidar com a desigualdade não é único e unilateralmente determinado.

As desigualdades e as diferenças, mesmo entre os trabalhadores, às vezes parecem tão grandes que dão a impressão de que falam de sociedades distintas. A condição de classe parece de difícil identificação quando se pretende propor um único padrão de vida e um mesmo tipo de expectativa para o conjunto dos diversos trabalhadores. Mas como enfrentar essa questão? Como tratar das tensões sociais sem fugir da complexidade de suas contradições? Como não ignorar as dissidências de valores e expectativas? Como enfrentar essas questões a partir da produção do conhecimento histórico?

Nessas histórias, vividas e contadas por trabalhadores, encontram-se narrativas variadas do que é ser trabalhador ao se viver a cidade, o que me parece não ser uma especificidade de Uberlândia, mas uma condição comum vivida nas cidades brasileiras a partir da movimentação classista desses sujeitos na sociedade capitalista. Ao tratar dessas relações, construídas em Uberlândia, abrem-se possibilidades para pensarmos sobre a vida dos trabalhadores nas cidades, discutindo os modos como estão se posicionando e se constituindo como sujeitos em nosso tempo. Uma tarefa que talvez exija o reconhecimento dos limites das explicações acadêmicas que analisam a vida dos trabalhadores como vetores da “espoliação”, “degradação”, “precarização” e “sujeição de classe”. Talvez suas vidas ofereçam mais do que “passividade”, “desorganização”, “inflexão política”, ou qualquer outro termo que guarde semelhança.

Penso que a produção do conhecimento histórico possa ser um termo de relação entre os que se incomodam com a desigualdade de classe e os que experimentam essa desigualdade enquanto pressões e limites, mas também como expectativas e desafios por uma vida melhor. Envolver-se nesse diálogo, por meio da lógica histórica, talvez possa abrir novos horizontes de investigação acadêmica e reflexão política.